

Adolescer ajustando as circunstâncias impostas pela pandemia: teoria fundamentada nos dados

Adolescence adjusting the circumstances imposed by the pandemic: grounded theory

Adolescer Adaptándose a las circunstancias impuestas por la pandemia: teoría basada en datos

Maria Aparecida Bonelli¹ <https://orcid.org/0000-0003-0542-4411>, Aline Oliveira Silveira² <https://orcid.org/0000-0003-4470-7529>, Glauber Weder dos Santos Silva³ <https://orcid.org/0000-0002-0570-1944>, Diene Monique Carlos⁴ <https://orcid.org/0000-0002-4950-7350>, Lígia Bruni Queiroz⁵ <https://orcid.org/0000-0002-0326-7072>, Monika Wernet¹ <https://orcid.org/0000-0002-1194-3261>

Resumo O objetivo é compreender o adolescer no contexto da pandemia da COVID-19. Estudo orientado pela Teoria Fundamentada nos Dados na vertente pós-positivista sob o referencial do Interacionismo Simbólico. A amostragem teórica foi composta por 23 adolescentes que foram entrevistados em profundidade ao longo de 2021. A análise por codificações aberta, axial e seletiva conduziu a uma teorização deste adolescer. Intersectados pelo isolamento imposto e pelo significado das interações sociais para o adolescer, os participantes buscaram escolhas relacionais para se ajustarem e perseguir seus projetos. Envolveram-se nos ciberespaços para resgatar interações com pares e, simultaneamente, manejaram relações familiares percebidas enquanto duais, próximas, intensas, mas conflituosas. Destarte, o enfrentamento requereu lidar com sentimentos e abertura ao novo. Avançaram na autonomia, no reconhecimento de si e do outro. Sob o entendimento de existirem conexões significativas para a continuidade do seu projeto e processo de desenvolvimento, adolescentes ajustaram-se ao contexto social imposto por meio de escolhas interacionais.

Palavras-chave Adolescente, Identidade social, Pandemias, Enfermagem, Teoria fundamentada

Abstract The aim is to understand adolescence in the context of the COVID-19 pandemic. Study guided by Grounded Theory in the post-positivist aspect under the framework of Symbolic Interactionism. The theoretical sample consisted of 23 adolescents who were interviewed in depth in 2021. The analysis using open, axial and selective coding led to a theorization of these adolescents. Intersected by the imposed isolation and the meaning of social interactions for adolescence, the participants sought relational choices to adjust and pursue their projects. They got involved in cyberspace to rescue interactions with peers and, simultaneously, managed family relationships perceived as dual, close, intense, but conflicting. Thus, the conflict required dealing with sentiments and being open to new things. They advanced in autonomy, recognition of themselves and others. On the understanding that there are significant connections for the continuity of their project and development process, adolescents adjusted to the social context imposed through interactional choices.

Keywords Adolescent, Social identification, Pandemics, Nursing, Grounded theory

Resumen El objetivo es comprender el “adolescer” en el contexto de la pandemia de COVID-19. Estudio guiado por la Teoría Fundamentada en los Datos desde la perspectiva postpositivista en el marco del Interaccionismo Simbólico. La muestra teórica estuvo compuesta por 23 adolescentes que fueron entrevistados en profundidad a lo largo de 2021. El análisis mediante codificación abierta, axial y selectiva permitió teorizar este “adolescer”. Atravesados por el aislamiento impuesto y el significado de las interacciones sociales para el “adolescer”, los participantes buscaron opciones relacionales para adaptarse y llevar adelante sus proyectos. Se involucraron en los ciberespacios para rescatar las interacciones con sus pares y, simultáneamente, gestionaron relaciones familiares percibidas como duales, cercanas, intensas, pero conflictivas. Por lo tanto, la confrontación requirió lidiar con los sentimientos y abrirse a cosas nuevas. Avanzaron en autonomía, reconocimiento de sí mismos y de los demás. Bajo la comprensión de que existen conexiones significativas para la continuidad de su proyecto y proceso de desarrollo, los adolescentes se ajustaron al contexto social impuesto por medio de elecciones interaccionales.

Palabras clave Adolescente, Identidad social, Pandemias, Enfermería, Teoría fundamentada

¹Universidade Federal de São Carlos, Rod. Washington Luís, km 235, 13560-970 São Carlos SP Brasil
mmmariabonelli@gmail.com

²Universidade de Brasília, Distrito Federal DF Brasil

³Secretaria de Estado da Saúde Pública do Rio Grande do Norte, Natal RN Brasil

⁴Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto SP Brasil

⁵Instituto da Criança e do Adolescente do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo SP Brasil

Introdução

O adolescer remete à experiência de individuação circunscrita à vida sociocultural¹, sob uma complexa e dinâmica interconexão entre vivências passadas e atuais, desdobradas em crescente reconhecimento de si¹⁻⁴. Transformações biopsíquicas e de relações sociais⁵ ocorrem, com vistas a projetos de vida, estruturação identitária e autonomia⁶⁻⁷. As relações estabelecidas nos espaços sociais influenciam e conformam o adolescer e o enfrentamento dos desafios a ele circunscritos^{4,8}.

Pandemias intersectam processos sociais, e a da Covid-19 envolveu restrições às relações sociais, afetando construções identitárias, comportamentos, autonomia e delineamento do projeto futuro de adolescentes⁹. Nesse contexto, estudos concentraram-se em retratar o impacto da pandemia no comportamento e na saúde mental de adolescentes¹⁰⁻¹⁹. Houve predomínio de abordagens metodológicas quantitativas^{11,15-16,18-20}, apesar da existência de estudos qualitativos^{13,17,21}, de métodos mistos¹⁰, de reflexão²²⁻²⁴ e revisões^{12,14,25-26}. Não foi localizada nenhuma teorização sobre o adolescer neste contexto.

Há premência de suporte ao processo de adolescer na direção de bem-estar físico e mental na fase adulta, assim como melhores condições de vida²⁷. Apesar de maior visibilidade e esforços para acolher adolescentes, permanecem fragilidades na atenção à saúde a essa população, sobretudo em países não desenvolvidos²⁸.

No Brasil, a população estimada é de 207 bilhões de habitantes, e os adolescentes representam cerca de 15% desse total²⁹ no intervalo dos 10 aos 19 anos²⁸, faixa etária adotada pelo Ministério da Saúde brasileiro.

Ao observar os indicadores de saúde, a Organização Mundial da Saúde (OMS) estimou que, em 2019, mais de 1,5 milhão de adolescentes e jovens adultos com idades entre 10 e 24 anos morreram no mundo; entre as principais causas estiveram a violência, o suicídio e os acidentes de transporte³⁰. No que diz respeito à questão social, em 2021, o percentual de crianças e adolescentes brasileiras vivendo na extrema pobreza e na pobreza alcançou o maior nível em relação aos anos anteriores: 16,1% e 26,2%, respectivamente²⁹. Esses dados revelam a importância demográfica e social deste grupo e a necessidade de implementar ações das Diretrizes Nacionais de Atenção Integral à Saúde de

Adolescentes e Jovens³¹, buscando atender as demandas que esta população detém.

Alinhado ao exposto e à *Ação Global Acelerada* para a *Saúde de Adolescentes (AA-HA!)* e Estratégia Global para a Saúde das Mulheres, das Crianças e de Adolescentes (2016-2030)^{28,32}, este estudo indaga: Como as interações sociais e os processos identitários do adolescente foram afetados pela pandemia da Covid-19? O objetivo foi compreender o adolescer no contexto da pandemia da Covid-19.

Método

Desenho do estudo

Trata-se de um estudo qualitativo, interpretativo, sob o referencial metodológico da Teoria Fundamentada nos Dados (TFD) na vertente pós-positivista³³. A TFD supera a descrição ao desenvolver um modelo teórico no qual o pesquisador faz uma análise indutiva e dedutiva dos dados, alternando entre a experiência individual e coletiva, para, assim, validar os fenômenos no processo de geração de uma teoria³³.

Nessa direção, o Interacionismo Simbólico (IS) revelou-se referencial teórico pertinente ao enfatizar o comportamento humano como desdobramento de interações sociais e dos significados estabelecidos a partir delas³⁴. Nessa perspectiva, o adolescer é processo singular, estruturado e derivado das interações sociais (inclusive aquelas internalizadas), com vistas ao alcance identitário.

Local do estudo

O estudo foi realizado com adolescentes residentes em município do interior paulista, cuja população estimada em 2022 foi de 254.822 habitantes, 13% deles adolescentes³⁵. Reconhecida pelo alto grau de desenvolvimento, a cidade possui um Produto Interno Bruto (PIB) per capita de R\$ 47.701,04, com Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,805 e 6,5 pontos no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb)³⁵.

Em relação ao Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS)³⁶, a população concentra-se em território de muito baixa vulnerabilidade, com 62% estratificados como baixa e baixíssima vulnerabilidade, e 17% da população encontra-se em território de alta e muito alta vulnerabilidade.

Participantes do estudo

Foram convidados 26 adolescentes, 23 deles aceitaram participar e três não responderam após três tentativas de contato, considerados como negativa. Foram localizados pela técnica *snowball sampling*, a partir de informantes-chave identificados via atividade de extensão desenvolvida em ambiente escolar com adolescentes, no ano de 2019. A técnica *snowball sampling* está indicada para localização de populações com experiências específicas³⁷.

O convite ao estudo ocorreu via *WhatsApp*, por meio de uma apresentação da pesquisadora por escrito junto a um áudio explicativo sobre o estudo, seu objetivo e sua estratégia de coleta de dados. Solicitou-se, para aqueles que manifestaram interesse em integrar o estudo, o contato do seu responsável para o envio do termo de consentimento. Os termos de assentimento e de consentimento foram enviados via link do Google Forms[®]. Após o recebimento da anuência para a participação, foram agendadas as entrevistas.

Coleta de dados

Os dados foram obtidos ao longo do ano de 2021 e, considerando o contexto pandêmico, a coleta foi on-line, por meio de entrevista aberta e única, áudio gravado na plataforma *Google Meet*, com duração média de 20 minutos. Inicialmente obtiveram-se informações sociodemográficas, para depois apresentar as questões norteadoras dos grupos amostrais.

Com vistas ao alcance de saturação teórica e densidade das categorias, ou seja, não surgimento de novos elementos vinculados ao fenômeno, a amostragem teórica³³, formaram-se cinco grupos amostrais (Quadro 1).

Os critérios de seleção inicial dos participantes foi: a) ser pessoa entre 12 e 18 anos incompletos; b) ter interesse em contribuir com o estudo; e c) ter o consentimento de um responsável legal.

Análise dos dados

Os dados coletados foram transcritos na íntegra e analisados simultaneamente³³. Todo o percurso de coleta e análise dos dados foi realizado pela primeira autora, enfermeira, doutoranda em Ciências da Saúde, membro da equipe de extensão em um ambulatório de saúde do

adolescente e em uma escola, com experiência prévia na TFD (pesquisa de mestrado).

A codificação aberta deu-se pelo processo de análise linha a linha para a elaboração dos códigos e conceitos. Os códigos foram organizados pela similaridade, com estabelecimento das categorias iniciais. Na codificação axial ocorreu o processo interpretativo dos dados a partir dos cinco componentes do Modelo do Paradigma, relacionando e fundamentando as categorias. Na codificação seletiva, a organização analítica dos dados permitiu identificar o modelo paradigmático, com a delimitação do fenômeno e categoria central do estudo. Esse modelo foi validado junto a dois adolescentes, um menino de 17 anos, da rede privada de ensino, e uma menina com 15 anos, da rede pública de ensino. A validação ocorreu de forma remota, via *Google Meet*, onde foi apresentado o diagrama representativo da Categoria Central, com a leitura da narrativa da experiência. Os adolescentes se identificaram com ela, com destaque aos sentimentos e sofrimentos advindos do isolamento e afastamento dos pares. Essa constituiu a etapa final da TFD, importante para analisar sua pertinência e representatividade³³.

Todas as recomendações éticas foram respeitadas, e o estudo foi aprovado por Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos, CAAE 39524120.2.0000.5504. Os participantes foram identificados pela letra (A), seguido do número ordinal em que a entrevista foi realizada.

Resultados

Os participantes eram 11 do sexo masculino e 12 do feminino, tinham idade entre 12 e 17 anos, a maioria estava no ensino fundamental II (n = 17), os demais no ensino médio (n = 6). Quanto à rede escolar, 11 eram de escolas públicas e 12 de escolas privadas. Conviviam em família nuclear 15 adolescentes e em família monoparental feminina, 6. Em relação à localização da moradia, segundo IPVS³⁶, 4 viviam em região de baixíssima vulnerabilidade, 5 em região de baixa, 8 em região de média e 6 em região de alto índice de vulnerabilidade social.

Os resultados mostram que o adolescer na pandemia da Covid-19 está representado pelo fenômeno “Mantendo conexões significativas para continuidade e alcance do projeto de vida”, sustentado por cinco categorias conceituais, organizadas a partir dos componentes do modelo paradigmático: Contexto (adolescer);

Quadro 1. Apresentação dos grupos amostrais, suas hipóteses, questões norteadoras, critérios de elegibilidade e composição.

Grupo amostral	Hipóteses teóricas	Questões norteadoras	Crítérios de elegibilidade	Composição
GA1 Foco: aproximação da experiência e construção das categorias iniciais para direcionar os próximos grupos amostrais.	- A pandemia interferiu no processo do adolecer ao afetar relações sociais. - A interferência foi mais representativa para aqueles que estavam nos tempos iniciais da adolescência.	- Como você vem vivendo a adolescência nesta pandemia? - Como estão as relações familiares e de amizades?	Adolescentes nos primeiros anos da adolescência, 12 a 14 anos.	Oito adolescentes, cinco estudantes de escolas públicas e três de escolas privadas.
GA2	- O ensino remoto interferiu no adolecer por afetar a interação entre pares e as atividades escolares. - Adolescentes de escola pública enfrentaram fragilidades das atividades escolares por via remota. - A pandemia confinou adolescentes de escolas públicas à casa e intensificou relações familiares.	Como tem sido para você o ensino on-line? Como eram as relações com seus amigos? E agora como está? Como tem sido ficar mais em casa com sua família?	- Adolescentes de 14 a 17 anos, cursando o ensino público. - Residentes em região de alta vulnerabilidade.	Cinco adolescentes, estudantes de escolas públicas.
GA3	- As escolas privadas alcançaram oferta de estratégias de ensino remoto que favoreceram a interação educador-educando, mas não de pares entre si. - A pandemia confinou adolescentes de escolas privadas à casa e intensificou relações familiares.	Como tem se sentido com o ensino on-line? Como se deram as relações com seus amigos? Como tem sido ficar mais em casa com sua família?	- Adolescentes de 14 a 17 anos, cursando o ensino privado. - Residentes em região de baixa e média vulnerabilidade.	Cinco adolescentes, estudantes de escolas privadas.
GA4	- A condição socioeconômica e de moradia afeta as oportunidades de atividades de educação e lazer durante a pandemia.	Como tem sido sua rotina na pandemia? O que mais mudou na sua vida na pandemia?	- Adolescentes de 12 a 17 anos, residentes em região de baixíssima vulnerabilidade.	Três adolescentes que residiam em região de baixíssima vulnerabilidade social.
GA5	Validação do modelo teórico	Você se identifica com a experiência de adolecer no contexto da pandemia da Covid-19 expressa pelo modelo teórico construído?	- Um menino e uma menina de 12 e 17 anos, residentes em regiões de vulnerabilidade social distintas.	- Um adolescente de 17 anos, residente em região de baixa vulnerabilidade social e uma adolescente de 15 anos residentes em região de alta vulnerabilidade social.

Fonte: Autores.

Condições causais (ter o projeto cerceado pela pandemia da Covid-19); Condições intervenientes (ser subitamente exposto a mudanças e viver a intensificação das relações familiares); Estratégias (aprofundar a relação consigo, imergindo em ciberespaços, intensificar o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação, TICs, e revisitar projetos e expectativas); Consequências (sofrer desgaste emocional, reconhecendo a essencialidade das relações sociais e ampliando a autonomia, além de se descobrir).

Contexto

O adolescer é contexto da experiência, conforma-se a partir de interações sociais e abarca o entrelaçamento de elaboração de mudanças de desenvolvimento (de ordem física, emocional e de demandas sociais) sob projeções sociais de responsabilidade e futuro, com o desejo e anseio atual de convivência junto a pares e organização de sua história.

Na adolescência você evolui muito; além da aparência física, o psicológico muda, os pensamentos, os desejos de sair, ficar com os amigos, essas coisas. E eu sempre quis ficar adolescente, pois via meu irmão saindo, meus primos saindo, se divertindo, contando história, e eu pensava, eu quero sair com meus amigos, eu quero ter histórias para contar (A14).

Condição causal

Tendo o projeto cerceado pela pandemia da Covid-19, o jovem compreende a condição causal desse fenômeno, visto que a prospecção da adolescência junto aos pares de modo mais livre e intenso foi interpelada.

Eu tive muita expectativa da adolescência, de sair, ir para muitas festas, curtir com meus amigos, mas daí veio a pandemia e acabou com toda a expectativa que eu tinha (A15).

Condições intervenientes

Perceberam-se sendo subitamente expostos a mudanças e vivendo a intensificação das relações familiares, condição interveniente das expectativas projetadas ao adolescer. O deslocamento do curso do processo de adolescer força interação social em contexto simbolicamente imerso no medo e na restrição, defrontando expectativas do passado e do futuro.

As mudanças foram sentidas de forma mais intensa a partir do fechamento das escolas e

diante da percepção de estarem confinados em casa. Passam a ser impedidos de estar em espaços sociais de interação com os pares, principalmente escolas.

Antes da pandemia, eu chegava desanimada e saía da escola feliz, com dor de barriga de tanto rir, era bem legal, (...) de um dia para outro, pá, não teve mais nada, acabou, todo mundo teve que ficar em casa, só na tela do celular, então foi um baque, tipo, como assim, do nada surgiu a doença e acabou (A17).

O ser isolado foi um símbolo de difícil elaboração, assim como o uso de máscara que impossibilitava ver e sentir o outro, com interferência nas interações.

É difícil, só vejo meus amigos na escola, e ainda tem que ser de máscara, eu não lembro do rosto de quase ninguém, e quando eles tiram a máscara, eu penso, “meu Deus!!” (A10).

O ensino on-line foi complexo; os estudantes descreveram dificuldades com as plataformas utilizadas pelas escolas, limites para a concentração e o não vínculo educador/adolescente. A forma como tudo ocorreu exigiu uma brusca adaptação.

Foi um pouco estranho, do nada não poder mais olhar para ninguém, só ouvir a voz da pessoa, ou ver ela pela tela do celular. Foi difícil, a gente ficava entediado e simplesmente saía da aula e deixava o professor falando e ia mexer em outro lugar, sabe, então foi bem difícil aprender alguma coisa, foi bem difícil se concentrar (A10).

A mudança foi repentina, simbolizou uma tensão e exigiu intenso processo da Mente, com diretivas às (res)significações e ações. Foram impostos à inversão dos espaços interacionais em conjunto com a intensificação das relações familiares. Nessa direção, a forma como a família se posicionou no suporte interferiu sobremaneira na experiência.

As relações familiares, por vezes pontuadas enquanto fortalecidas frente à imposição de convívio, também estiveram imersas em conflitos derivados da divisão de espaços, tarefas, da forma como lidar com as diferentes personalidades, além de envolver a contínua supervisão dos pais/familiares.

(...) eu comecei a ficar muito triste, assim, eu roo unha, e aí comecei a roer muito minha unha, e aí minha mãe chamou alguns amigos para ajudar a fazer lição, ficar aqui em casa, para se ajudar, sabe, ver se a gente se animava um pouco, foi o que me ajudou (A9).

Ficar em família até que foi legal, mas acho que como a gente ficava muito tempo junto e não

tinha espaço, tinha brigas, a gente respondia um para o outro, eu e meu irmão, na verdade toda a minha família brigava (risadas) [...] minha mãe controlava tudo, o tempo todo. Mas também a gente começou a fazer mais coisas juntos, como assistir filmes, programa na TV, a gente fica na sacada, almoçando ou tomando sol (A3).

No global, as interações familiares foram apreendidas como de pouca contribuição para o alcance da individualidade do SER e ESTAR na adolescência e suas particularidades.

Estratégias

Frente aos intervenientes do isolamento social, os adolescentes tiveram que mobilizar estratégias para seguirem a vida, o projeto. Intensificaram a relação consigo, mergulharam em ciberespaços, aumentaram o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), revisitando projetos e expectativas.

Ser imposto a este novo contexto interacional fez com que qualificassem o adolescer na pandemia como difícil e complicado, pois entenderam estar sendo privados da melhor fase da vida, restritos à casa, não podendo sair, viajar e principalmente estar com os amigos.

No adolescer, o desenvolvimento do *self* ocorre em meio a interações, inclusive consigo próprio, quando se perceberam como oscilantes, com diferentes *vibes* em um único momento.

A adolescência também tem seus malefícios, porque é quando você vai se descobrindo e vai passando por diferentes emoções, e às vezes são emoções que te afetam e que vai dizendo mais sobre sua personalidade, e assim, é algo bem estranho, meio bipolar, pois uma hora você está de um jeito e outra hora você está de outro, cada hora você está em uma 'vibe' diferente, escolhas diferentes, acho que é isso (A13).

O processo de se compreender estruturou o adolescer, pois os jovens refletiram sobre o que e como as coisas e as pessoas são concebidas e sentidas, com maior sensibilidade aos símbolos emitidos ao seu redor. A pandemia impôs um processo solitário e sofrido de relação consigo.

Eu tive que aprender a viver na minha própria companhia, e isso é difícil (...) eu vou pensando muita coisa sozinho e acabo ficando paranoico, e meus amigos me ajudavam a eu esquecer um pouco, (...) Esse tempo sozinho foi bom para eu me conhecer mais, amadurecer, (...), ficar sozinho me mudou bastante, eu me tornei muito crítico a mim mesmo, estou aprendendo a conviver com isso, e mudei bastante pela tristeza de ficar sozi-

nho, me tornei meio medroso, muito sentimental e emotivo (A18).

Imergir em ciberespaços e intensificar o uso de TICs foi um movimento desempenhado pelos adolescentes na busca pelas interações sociais, pelo suporte por ela ofertado. Significaram o ciberespaço propício à liberdade de escolhas, de com quem conversar, o que acessar e de como se relacionar.

Quando eu estou no celular, eu saio um pouco desse mundo da pandemia e vou para um mundo com mais gente, entendeu, é isso, de me enturmar com mais pessoas (A4).

O isolamento social imposto pela pandemia da Covid-19 restringiu experiências interacionais e impactou a identidade pessoal e social.

A escola era o símbolo da liberdade, já que nela se sentiam mais livres, teciam escolhas sem tantas projeções e imposições familiares. Assim, a impossibilidade de frequentá-la, de interagir com os pares foi significada enquanto a principal perda e lançou adolescentes nos ciberespaços desejosos por novas formas de se relacionar livremente e de amenizar sofrimentos.

Ficamos presos em casa, tive dias péssimos, fiquei o dia inteiro sozinho, no quarto escuro, sem fazer absolutamente nada, e acabei que chamei alguns amigos meus para a gente fazer videochamadas, quase que diária para conversar, pois é muito difícil não conversar, não falar mesmo, é difícil ser tudo por mensagem, então psicologicamente me afetou demais a pandemia, afetou demais ficar sem meus amigos (A19).

Foi possível apreender que as TICs permitidas e facilitadas pela pandemia atenuaram a falta de interação com os pares e proporcionaram conhecer pessoas, momentos de distração e lazer. Apesar disso, reforçaram a perda e o afastamento de relações de amizades.

O que mais mudou com a pandemia acho que foi o contato físico com os amigos, agora a gente só fala por chamada de vídeo ou chamada de voz, e pelos jogos on-line, e acabou que eu acabei perdendo alguns amigos, a relação com meus amigos distanciou bastante (A1).

A necessidade de ver e sentir o outro no processo interacional foi apontada com pesar. A timidez esteve reconhecida como um entrave agravado nesse contexto; os jovens sentiram saudades de rir e conversar com amigos. Estar presencialmente com o outro oportuniza sensações e trocas diferentes, quando comparadas com o virtual.

Embora tenham vivido dificuldades, eles permaneceram esperançosos pelo retorno do

cotidiano e mantiveram investimentos em seus projetos, sustentaram olhares para além da pandemia, apesar das perdas, amigos, encontros, formatura, festas, viagens e até mesmo entes queridos. A astúcia e o desejo de novos desafios sobressaíram na esperança de retomada de seus projetos.

Minha expectativa com o fim da pandemia é sair, falar com os amigos, o que eu mais senti falta, (...) No futuro, eu pretendo fazer uma faculdade, estudar, ter um trabalho, quem sabe mais para frente, comprar meu próprio carro, ter minha própria fonte de renda (A14).

Consequências

Todo esse rearranjo de vida e interações para adotar na pandemia fez com que o adolescente sofresse desgaste emocional e reconhecesse a essencialidade das relações sociais, ampliando a autonomia e se descobrindo.

As restrições frente à circulação em espaços sociais para as interações com pares foi uma perda apreendida pelos adolescentes, com destaque para a escola.

O que eu queria era poder ter continuado com os meus amigos, poder continuar rindo, ter eles perto de mim (A20).

Que saudades da escola presencial, a escola era um lugar que eu me sentia bem, que às vezes eu chegava triste e saía dando risada, e com o on-line ninguém nem conversa, não fala nada, é bem ruim (A15).

As estratégias de enfrentamento adotadas foram insuficientes em termos de acolhimento emocional. Perceberam-se tristes, ansiosos, sozinhos, entediados, com raiva e medo. Vários revelaram desgaste emocional, e alguns desenvolveram sofrimentos psíquicos. O acolhimento de sentimentos esteve descrito enquanto complexo e não suprido na totalidade.

Antes eu conversava mais com a minha mãe; agora na pandemia, eu não sei explicar os motivos dos sentimentos que eu sinto, tipo tristeza de sentir falta da família, dos amigos, ou algum aborrecimento que eu sinto. Acho que antes eu sabia mais o que eu estava sentindo, e agora como estão acontecendo muitas coisas, eu não sei o que está acontecendo com os sentimentos, é um pouco mais difícil de falar, e eu sinto mais tristeza, é difícil viver com a pandemia (A2).

(...) na pandemia foi muito difícil a questão psicológica, porquedesenvolvi ansiedade, teve alguns meses que foram difíceis, até tive alguns problemas com o estado depressivo, perdi mui-

tos amigos, muito mesmo, porque uma coisa são as conversas presenciais e outra é longe, então é muito difícil psicologicamente, tanto psicologicamente quanto fisicamente, pois o contato físico, o calor de ter gente perto de você é muito bom, e faz falta (A7).

Eu desenvolvi um transtorno alimentar por conta de tudo isso, por conta de ficar em casa, por conta da pandemia mesmo (A21).

Essa maior imersão no sentimento, a tristeza e os anseios, permitiu aos adolescentes um amadurecimento, favoreceu solidariedade e empatia, de modo a destacar a evolução dos processos interacionais com eles mesmos, na sua sensibilidade.

A pandemia, ela fez eu pensar que não existe só eu no mundo, e eu preciso ajudar o próximo, tipo não sair, usar máscara, passar álcool em gel, tipo não transmitir essa doença para minha família (A6).

Eu senti bastante falta de encontrar as pessoas, pois eu não estava mais conseguindo me socializar, nem mesmo dentro de casa, eu não sabia mais responder as pessoas, eu não conseguia mais prestar atenção, ter contato físico, qualquer coisa que encostasse em mim, eu não conseguia identificar o que era, qual o sentido (A12).

Reforçaram a essencialidade das relações sociais para o adotar, em especial das relações de amizade. O ciberespaço, apesar de proporcionar o encontro virtual dos adolescentes, esteve significado enquanto “distante” e impessoal.

Com a liberdade proferida no pertencimento e manejo dos ciberespaços, os adolescentes foram desafiados em sua autonomia nas tomadas de decisão frente ao estudo e cumprimento de prazos nas entregas das tarefas e provas. Vivenciaram dificuldades para a autoorganização.

Porque tive que criar uma rotina, uma rotina de acordar, animar, fazer tarefa, conversar com as pessoas, mesmo que on-line. Agora a gente conversa bastante, faz bastante coisa na aula, e eu aprendo bastante coisa também, mas tive que organizar meus estudos, as entregas de atividade, ter atenção aos prazos, cuidar de tudo da escola (A5).

Essa autonomia transcendeu para inserções familiares, pois, com a obrigatoriedade de permanecer em casa, novos papéis foram direcionados ao adolescente, e eles passaram a assumir cuidados com a casa e irmãos caçulas, principalmente quando os pais mantiveram a rotina de trabalho.

Em um movimento de simultaneamente transpor a frustração de não viver o prospecta-

do para a sua adolescência e permitir-se experimentar novos papéis e situações, os jovens fizeram descobertas em diferentes âmbitos, como leitura, escrita, atividades esportivas, culinária, maquiagem, artes corporais, e interação social através de jogos e plataformas on-line de comunicação.

Na pandemia a gente ficou muito no celular, então a gente aprendeu muita coisa pelo celular, eu, por exemplo, eu aprendi a cozinhar melhor, fazer maquiagem e também comecei a ler pelo celular, foi bem legal (A13).

Assim, o modelo teórico “Ajustando-se às circunstâncias impostas pela pandemia”, representado na Figura 1, emerge no movimento e nas estratégias de ajustamento do adolescente frente às circunstâncias impostas pela pandemia, numa tentativa de manter conexões significativas e a continuidade, a integridade e a normalidade do seu processo de vida. Essa projeção para viver a adolescência apreendida no fenômeno em estudo denota a preponderância das categorias “Condições intervenientes”, “Estratégias” e “Consequências”.

Discussão

Adolescer está socialmente associado à construção identitária e ao projeto de vida, processos assentados na e a partir das relações sociais. Ancoradas no IS, as identidades requerem e transcendem reconhecimento do *self*, o Eu nas relações, com reflexões acerca das ações individuais e dos outros, das inferências culturais, sob processo comparativo e com esforços compreensivos sobre interações, valores, comportamentos e condutas³⁸.

Na adolescência há um maior direcionador das identidades, visto a ascendência da autonomia, o reconhecimento comportamental e de personalidade, todos influenciados pelas relações sociais. A condição socioeconômica, a configuração familiar e os processos interacionais entre pais e filhos, assim como os direcionadores de afeto e abertura de diálogo, refletem no comportamento social dos adolescentes⁷.

Quando comparados às crianças, os adolescentes passam mais tempo com seus pares do que com a família e, dessa forma, constroem relacionamentos mais complexos com estes⁹. Essa reorientação para os pares promove desenvolvimento, permite-lhes um senso de auto-identidade social⁹. Os adolescentes deste estudo assinalaram a importância das relações de amizade para a construção da identidade, sendo

que a interferência no convívio, provocada pela pandemia, foi significada como uma adversidade, ameaçou o desenvolvimento, afetou projeções, gerou rupturas, incertezas e sofrimentos.

Segue-se então que mudanças generalizadas no ambiente social, como o distanciamento físico forçado e o contato social face a face reduzido com pares, podem ter um efeito substancial no adolescer⁹.

A pandemia causou a perda de amigos, impossibilitou a vivência de acontecimentos sociais com caráter de “ritos de passagem”, anteriormente projetados. Contudo, trouxe contribuições, com destaque ao reconhecimento e à valorização da amizade e das relações²⁸.

O isolamento social do contexto pandêmico foi significado como restritivo à concretização do projeto, à edificação de relações significativas. Para contrapô-los, houve intensificação da comunicação por meio das TICs, inclusive como recurso para vivências agradáveis³⁹, aspecto que conduz à discussão da finalidade das TICs no adolescer.

No que se refere à adolescência, cabe traçar um paralelo acerca da restrição social percebida pelos adolescentes na pandemia com as relações familiares controladoras. A socialização de jovens não controlados ou sem supervisão é destacada como anúncio de comportamentos desviantes⁴⁰; contudo, adolescer requer liberdades. É nos encontros sem supervisão que os adolescentes exercitam seu poder de decisão⁷, constroem relações e desenvolvem autonomia. A liberdade de escolhas está socialmente prospectada ao transcurso das adolescências, desde aquelas com quem, como e onde se relacionar até as decisões que norteiam o futuro. Os adolescentes projetam a aquisição disso, que no contexto em estudo sofreu entraves, mas foi buscada, assinalando ser eixo estruturante do adolescer, com indicativo de ser fundamentada no suporte às famílias com adolescentes.

As interações sociais com pares permitem aos adolescentes um reconhecimento de si nas relações, autorreflexão sobre seu comportamento e o comportamento do outro; é espaço de voz e escuta. Assim, contribui com o bem-estar e os projetos do adolescente⁹. Fortalecer relações de amizade é essencial, motivo pelo qual a busca pelos pares é intensa⁴. As amizades são potentes para enfrentamentos, inclusive diante de experiências ruins, destacando-se enquanto rede de apoio^{4,41}. O presente estudo referendou o sentimento diferenciado das amizades na adolescência.



Figura 1. Modelo teórico ajustando-se às circunstâncias impostas pela pandemia, fenômenos e categorias que o compõem. São Carlos, 2023.

Fonte: Autores.

Ainda, a pandemia da Covid-19 trouxe à tona a reflexão acerca da saúde mental e sofrimentos psíquicos frente a restrições nas relações sociais⁴², aspecto aqui reforçado. Estudo apontou que 51% dos adolescentes manifestaram ter piorado o nível de irritabilidade, 48% o nível de ansiedade e 47% o nível geral de humor durante a pandemia da Covid-19. Destes, 39% relatam ter piorado em relação à depressão¹⁹.

Quanto à relação familiar, ela esteve reconhecida de forma dual, promotora de afetos, proteção e cuidado, mas também de sentimentos negativos, como solidão, tristeza, menosprezo, em muito pelo seu funcionamento, discussões e desentendimentos familiares⁴². Compreender as relações em família é ação direcionadora de intervenções de suporte a adolescentes e famílias durante e após a pandemia⁴³.

As relações sociais ampliadas revelaram-se um lugar diferenciado na adolescência, com indicativos para proteger sua ocorrência

e exercer suas escolhas, sobretudo as interacionais e junto a pares que sustentam o processo de “experimentações” típicos e necessários ao adolescer. Por outro lado, a construção social que vincula a adolescência a situações de risco e vulnerabilidade leva a surgir, em algumas famílias, um comportamento de vigilância e controle. Profissionais de saúde e educação podem oportunizar diálogos acerca disso, na direção de dar suporte para que famílias e adolescentes consigam manter uma comunicação aberta e tomadas de decisões que deem vazão e sustentação a essa necessidade do adolescente.

A escola, nesse quesito, é espaço social propício e destacado nos resultados deste estudo. Ocorre que as ações neste contexto tendem a estar impregnadas pelo capacitismo, sob a gramática da proteção e do entendimento de ser o adolescente “condição de ser menor, quase um não sujeito”⁴⁴. A proteção é importante, mas precisa ser sustentada por processos que

promovam o eu, a partir da relação consigo e com outros; do contrário, não irá amadurecer pessoas.

Toda situação que conduz à restrição ou ao cerceamento nas relações sociais coloca o desenvolvimento do adolescente e seu projeto em risco. Portanto, é premente retomar relações sociais essenciais aos processos identitários, quando pensar no contexto social e nas intersubjetividades que estão no rol de ações de suporte à adolescência.

Para as políticas públicas fica o desafio de transpor a simples ampliação numérica de espaços de socialização para qualificar os diálogos e as intersubjetividades nesses espaços. É o vivido nas interações sociais que atua no adolescer, na autonomia crítica.

Os achados deste estudo permitem apontar a essencialidade de um olhar que aloque as relações sociais (pares, familiar e ampliada) na centralidade, em contraponto ao que insiste em dar premência às questões biológicas e de riscos. Estas só terão sentido se tematizadas sob os alicerces das interações sociais que estão a projetar e sustentar o adolescer. Portanto, a aposta deve ser na edificação de ambientes relacionais promotores de emancipação, os quais têm contornos próprios, são dependentes da singularidade de cada adolescente e de sua inserção social.

Considerações finais

O modelo teórico “Ajustando-se às circunstâncias impostas pela pandemia” teoriza o movimento dos adolescentes para enfrentar os desdobramentos do isolamento e viver o adolescer apesar das restrições impostas, mantendo seu projeto no horizonte. Retrata o significado atribuído às adolescências quanto a liberdade para estar e relacionar-se nos espaços sociais.

A teoria aqui desenvolvida representa uma estrutura para a compreensão das escolhas relacionais dos adolescentes, quando diante de crises e adversidades com restrições sociais. Permite aos profissionais de saúde, educadores e família dar suporte ao adolescer, às escolhas relacionais, com diretivas a um diálogo aberto e valorizador de tais escolhas e do projeto delineado pelo adolescente.

Quanto às limitações, sobressai o fato de o estudo ter sido realizado apenas em um município, não abarcando todas as classes sociais, o que aponta para explorações de novas facetas do fenômeno adolescer. Ressalta-se que a experiência retratada não generaliza a vivida por

todos os adolescentes, pois sempre algo novo pode surgir, e pode ser aprofundada para posterior inclusão no modelo teórico, o que é característica do método empregado.

Colaboradores

MA Bonelli: concepção do estudo, coleta e análise dos dados, discussão de resultados, elaboração e revisão do manuscrito; AO Silveira: elaboração e revisão do manuscrito; GWS Silva: elaboração e revisão do manuscrito; DM Carlos: revisão do manuscrito; LB Queiroz: revisão do manuscrito; M Wernet: concepção e supervisão do estudo, elaboração e revisão do manuscrito.

Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

- Janssen LHC, Verkuil B, Van Houtum LAEM, Wever MCM, Elzinga BM. Perceptions of parenting in daily life: adolescent-parent differences and associations with adolescent affect. *J Youth Adolesc* 2021; 50(12):2427-2443.
- Andrews JL, Foulkes L, Blakemore SJ. Peer influence in adolescence: public-health implications for COVID-19. *Trends Cogn Sci* 2020; 24(8):585-587.
- Hellfeldt K, López-Romero L, Andershed H. Cyberbullying and psychological well-being in young adolescence: the potential protective mediation effects of social support from family, friends, and teachers. *Int J Environ Research and Publ Health* 2020; 17(1):45.
- Laursen B, Dickson DJ, Boivin M, Bowker JC, Brendgen M, Rubin KH. Revisiting the hypothesis that friends buffer against diminished self-esteem arising from poor quality parent-adolescent relationships: a replication study. *Developm Psychol* 2021; 57(12):2067-2081.
- Oliveira PC, Reis ML, Vandenberghe L, Souza MM, Medeiros. Sobrevivendo: vulnerabilidade social vivenciada por adolescentes em uma periferia urbana. *Interface - Comunic, Saude, Educ* 2020; 24:e190813.
- Quiroga F, Capella C, Sepulveda G, Conca G, Miranda J. Identidad personal en niños y adolescentes: estudio cualitativo. *Rev Latino Am Cienc Soc Niñez Juv* 2021; 19(2):1-25.
- Hoffmann JP. Self-control, peers, and adolescent substance use: an international analysis. *J of Substance Use* 2022; 27(1):1-6.
- Viduani A, Benetti S, Martini T, Buchweitz C, Ottman K, Wahid SS, Fisher HL, Mondelli V, Kohrt BA, Kieling C. Social isolation as a core feature of adolescent depression: a qualitative study in Porto Alegre, Brazil. *Int J Qual Stud Health Well-being* 2021; 16(1):1978374.
- Orben A, Tomova L, Blakemore S. The effects of social deprivation on adolescent development and mental health. *The Lancet Child and Adolescent Health* 2020; 4(20):634-640.
- Peterle CF, Fonseca CL, Freitas BHB de, Gaíva MAM, Diogo PMJ, Bortolini J. Emotional and behavioral problems in adolescents in the context of COVID-19: a mixed method study. *Rev Latino-Am Enfermagem* 2022; 30(spe):e3744.
- Malta DC, Gomes CS, Vasconcelos NM de, Barros MB de A, Lima MG, Souza Júnior PRB de, Szwarcwald CL. Alcohol consumption among adolescents during the COVID-19 pandemic, covid adolescents: behavior research. *Rev Bras Epidemiol* 2023; 26:e230007.
- Palacio-Ortiz JD, Londoño-Herrera JPA, Nancía-Márquez A, Robledo-Rengifo P, Quintero-Cadavid CP. Psychiatric disorders in children and adolescents during the COVID-19 pandemic. *Rev Colombiana Psiquiatria* 2020; 49(4):279-288.
- Gadagnoto TC, Mendes LMC, Monteiro JC dos S, Gomes-Sponholz FA, Barbosa NG. Emotional consequences of the COVID-19 pandemic in adolescents: challenges to public health. *Rev Esc Enferm USP* 2022; 56:e20210424.
- Marques ES, Moraes CL, Hasselmann MH, Deslandes SF, Reichenheim ME. A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. *Cad Saude Publ* 2020; 36(4):e00074420.
- Pizarro-Ruiz JP, Ordóñez-Cambor N. Effects of Covid-19 confinement on the mental health of children and adolescents in Spain. *Scientific reports* 2021; 11(1):11713.
- Zhang C, Ye M, Fu Y, Yang M, Luo F, Yuan J, Tao Q. The psychological impact of the COVID-19 pandemic on teenagers in China. *J Adolesc Health* 2020; 67(6):747-755.
- Barth AM, Meinert AC, Zopatti KL, Mathai D, Leong AW, Dickinson EM, Goodman WK, Shah AA, Schneider SC, Storch EA. A qualitative inquiry of parents' observations of their children's mental health needs during the COVID-19 pandemic. *Children's Health Care* 2022; 51(2):213-224.
- Mallik CI, Radwan RB. Impact of lockdown due to COVID-19 pandemic in changes of prevalence of predictive psychiatric disorders among children and adolescents in Bangladesh. *Asian J Psychiatr* 2021; 56:102554.
- Maristany M, Preve P, Cros B, Revilla R. Efectos del confinamiento en adolescentes en pandemia por covid-19 en ciudad de Buenos Aires, Argentina. *Psico* 2021; 52(3):e41309.
- Givigi RCN, Silva RS, Menezes EC, Santana JRS, Teixeira CMP. Efeitos do isolamento na pandemia por COVID-19 no comportamento de crianças e adolescentes com autismo. *Rev Latinoam de Psicopatologia Fundamental* 2021; 24(3):618-640.
- Santos KAM, Miura PO, Barboza AMM, Araújo CGS-LA. Quais os significados sobre família em situação de pandemia para os adolescentes? *Cien Saude Colet* 2022; 27(1):193-203.
- Costa LCR, Gonçalves M, Sabino FHO, Oliveira WA de, Carlos DM. Adolescência em meio à pandemia de Covid-19: um olhar da teoria do amadurecimento de Winnicott. *Interface (Botucatu)* 2021; 25:e200801.
- Dos Santos C. COVID-19 e saúde mental dos adolescentes: vulnerabilidades associadas ao uso de internet e mídias sociais. *Holos* 2021; 3(1):1-14.
- Fernandes ADSA, Speranza M, Mazak MSR, Gasparini DA, Cid MFB. Desafios cotidianos e possibilidades de cuidado com crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) frente à COVID-19. *Cad Bras Ter Ocup* 2021; 29(1):e2121.
- Oliveira WA, Silva JL, Andrade ALM, Micheli DD, Carlos DM, Silva MAI. A saúde do adolescente em tempos da COVID-19: scoping review. *Cad Saude Publ* 2020; 36(8):e00150020.
- Windarwati HD, Lestari R, Supianto AA, Wicaksono SA, Ati NAL, Kusumawati MW, Humayya A, Ekawati D. A narrative review into the impact of COVID-19 pandemic on senior high school adolescent mental health. *J of Child and Adolescent Psychiatric Nursing* 2022; 35(3):206-217.

27. Fauzi FA, Zulkefli NAM, Baharom A. Aggressive behavior in adolescent: The importance of biopsychosocial predictors among secondary school students. *Front Public Health* 2023; 14(11):992159.
28. Organização Pan-Americana de Saúde. Estratégia e plano de ação para a saúde do adolescente e do jovem: relatório final [Internet]. Washington, DC: OPAS; 2019 [citado 2023 Abr 29]. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/documentos/cd57inf8-estrategia-e-plano-acao-para-saude-do-adolescente-e-do-jovem-relatorio-final>.
29. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Características gerais dos domicílios e dos moradores 2022. Brasília: IBGE. [citado 2023 Set 28]. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102004_informativo.pdf.
30. World Health Organization (WHO). Adolescent health epidemiology. Geneva: WHO 2021 [citado 2023 Set 28]. Disponível em: <https://www.who.int/maternal-child-adolescent/epidemiology/adolescence/en/>.
31. Brasil. Ministério da Saúde (MS). Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.
32. World Health Organization (WHO). Global strategy for women's, children's and adolescents' health 2016-2030. Geneva: WHO 2015. [citado 2023 Abr 29]. Disponível em: <http://www.paho.org/pt/documentos/global-strategy-womens-childrens-and-adolescents-health-2016-2030-disponivel-somente-em>.
33. Strauss A, Corbin J. Pesquisa Qualitativa: Técnica e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada. 2 ed. Porto Alegre: Artmed; 2008.
34. Charon JM. Symbolic interactionism: an introduction, an interpretation, an integration. 10 ed. Boston: Prentice Hall, 2010.
35. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Panorama cidade de São Carlos. 2022. Brasília: IBGE. [acessado 2023 Ago 20]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-carlos/panorama>. Acesso em: 20 ago 2023.
36. São Paulo. Índice Paulista de Vulnerabilidade Social. 2010: São Paulo, 2010. [acessado 2023 Ago 20]. Disponível em: <https://ipvs.seade.gov.br/view/pdf/ipvs/mun3548906.pdf>.
37. Parker C, Scott S, Geddes A. In: Atkinson Paul, Delamont Sara, Cernat Alexandru, Sakshaug Joseph W, Williams Richard A, editor. *Snowball Sampling*. SAGE Research Methods Foundations 2019.
38. Martines EAL de M, Azevedo SR de S, Leme MI da S. A arte na (re)construção da identidade de adolescentes em uma escola do campo. *Psicol Esc Educ* 2022; 26:e225431.
39. Branquinho C, Santos AC, Matos MG. A COVID-19 e a voz dos adolescentes e jovens em confinamento social. *Psicol Saude e Doenças* 2020; 21(3):62432.
40. Hoebe EM, Rulison KL, Ragan DT, Feinberg ME. Moderators of friend selection and influence in relation to adolescent alcohol use. *Prevention Science* 2021; 22(5):567-578.
41. Dryburgh NS, Ponath E, Bukowski WM, Dirks MA. Associations between interpersonal behavior and friendship quality in childhood and adolescence: a meta-analysis. *Child Development* 2022; 93(3):e332-e347.
42. Santos KAM, Miura PO, Barboza AMM, Araújo CGS-LA. Quais os significados sobre família em situação de pandemia para os adolescentes? *Cienc Saude Colet* 2022; 27(1):193-203.
43. Ferrara P, Franceschini G, Corsello G, Mestrovic J, Giardino I, Vural M, Pettoello-Mantovani M. Effects of coronavirus disease 2019 (COVID-19) on family functioning. *The J of Pediatrics* 2021; 237(1):322-323. e2.
44. Moreira MCN, Dias FDS, Mello AGD, York SW. Gramáticas do capacitismo: diálogos nas dobras entre deficiência, gênero, infância e adolescência. *Cienc Saude Colet* 2022; 27(10):3949-3958.

Artigo apresentado em 11/09/2023

Aprovado em 25/04/2024

Versão final apresentada em 27/04/2024

Editores-chefes: Maria Cecília de Souza Minayo, Romeu Gomes, Antônio Augusto Moura da Silva